



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA
PARAÍBA CAMPUS JOÃO PESSOA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB-IFPB
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO
2ª LÍNGUA PARA SURDOS NA MODALIDADE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

ALEXSANDRA JUVENCIO NÓBREGA

**O MATERIAL DIDÁTICO E O ENSINO DE LP COMO L2 PARA
SURDOS**

JOÃO PESSOA-PB

2021

ALEXSANDRA JUVENCIO NÓBREGA

O MATERIAL DIDÁTICO E O ENSINO DE LP COMO L2 PARA SURDOS

Artigo apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, para obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª língua para Surdos.

Orientadora: Profa. Ma. Nídia Nunes
Máximo.

JOÃO PESSOA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP
Biblioteca Nilo Peçanha – IFPB, *Campus* João Pessoa

N754m

Nóbrega, Alexsandra Juvencio.

O material didático e o ensino de LP como L2 para surdos / Alexsandra Juvencio Nóbrega. –2021.

15 f.

Artigo (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª Língua para Surdos) – Instituto Federal da Paraíba – IFPB / Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação. Diretoria de Educação a Distância.

Orientadora: Profa. Ma. Nídia Nunes Máximo.

1. Língua portuguesa - Ensino. 2. Material didático. 3. Educação bilíngue. 4. Alunos surdos. I. Título.

CDU 811.134.3:376

ALEXSANDRA JUVENCIO NÓBREGA

MATERIAL DIDÁTICO E O ENSINO DE LP COMO L2 PARA SURDOS

Artigo apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, para obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª língua para Surdos.

Orientadora: Profa. Ma. Nídia Nunes Máximo.

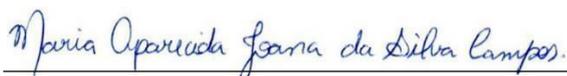
João Pessoa, 26 de fevereiro de 2021.

BANCA EXAMINADORA



Nídia Nunes Máximo
Coord. de Letras LIBRAS
Departamento de Letras
SIAPE: 2143407

Profa. Ma. Nídia Nunes Máximo
Orientadora – UFPE



Profa. Ma. Aparecida Joana da Silva Campos
Avaliadora



Prof. Dr. Neilson Alves de Medeiros
Avaliador – IFPB

O MATERIAL DIDÁTICO E O ENSINO DE LP COMO L2 PARA SURDOS

Alexsandra Juvencio Nobrega¹

Nídia Nunes Máximo²

Resumo: Através de uma investigação científica, buscamos fazer uma análise do papel do material didático para o ensino de língua portuguesa, utilizado na educação dos surdos no processo de aquisição da língua portuguesa na modalidade escrita. Acreditamos que o estudo desta temática pode possibilitar a inclusão do aluno, a fim de que o mesmo possa compreender melhor a sociedade letrada em que está inserido, podendo participar como cidadão ativo. Para tal, realizamos uma pesquisa bibliográfica sobre o tema. O envolvimento dos estudantes surdos em sala regulares de ensino os educandos têm identificado barreiras nas informações e dificuldades em empregar esforços trabalhando os conteúdos com esses alunos, mas através de materiais didáticos específicos para o aluno surdo, esses materiais podem auxiliar na compreensão da língua portuguesa escrita, fazendo parte da vida cotidiana compreendendo os significados para a leitura e escrita dentro desse contexto.

Palavras-chave: Material didático; Língua portuguesa; Surdos.

Abstract: Through a scientific investigation, we seek to make an analysis of the role of the didactic material for the teaching of Portuguese language, used in the education of the deaf in the process of acquisition of the Portuguese language in the written modality. We believe that the study is this theme can enable the inclusion of the student, so that he can better understand the literate society in which he is inserted, being able to participate as an active citizen. To this end, we conducted a bibliographic search on the topic. The involvement of deaf students in regular teaching rooms, students have identified barriers in information and difficulties in making efforts to work the contents of these students, but through specific teaching materials for the deaf student, these materials can help in understanding the written Portuguese language, being part of everyday life, understanding the meanings for reading and writing within this context we believe that.

Key-words: Courseware; Portuguese; Deaf.

¹ Aluna da especialização em Ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para surdos (IFPB).

² Professora Assistente de Linguística da Universidade Federal de Pernambuco, Mestre em Linguística (UFPE), Graduada em Letras Português/Inglês (UFPE).

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca tratar do papel do material didático no ensino de Língua Portuguesa (LP) para surdos, tendo como principal objetivo analisar os benefícios que o material didático pode oferecer durante o processo de desenvolvimento intelectual do aluno surdo. E ainda como objetivos específicos implica-se: a) identificar os Estágios de Aquisição de Linguagem, compreendendo as teorias linguísticas que abordam o tema; b) estudar estratégias de ensino que possibilitem a compreensão de como ocorre o processo de conhecimento de LP e linguagem para surdos, entendendo que LP é a segunda língua desses indivíduos e precisa, então, ser ensinada com métodos e técnicas distintos dos que são empregados no ensino de LP como língua materna para indivíduos ouvintes.

As línguas de sinais tiveram vários avanços, desde os primeiros estudos até a contemporaneidade como forma de comunicação gestual. Em tempos, não muito longínquos, os surdos eram considerados seres inferiores aos demais por não terem a capacidade de ouvintes falantes, porém, com o passar do tempo viram que os surdos tinham capacidades de comunicação através de sinais e métodos gestuais mais aprofundados, os quais receberam influências das áreas de Filosofia, Medicina, Tecnologia, Educação e da Linguística (GOLDFELD, 2002).

Podemos destacar que tanto a língua de sinais e quanto a modalidade escrita da língua devem compor o processo de ensino-aprendizagem em um modelo de educação para surdos que busca gerir conceitos específicos que atendam às necessidades dos indivíduos em relação a sua língua, cultura e identidade.

Para Bagno (2003, p.194), “considerando que uma língua é um objeto pluriforme e multifacetado” (...), podemos conceber a atividade linguística do surdo em Libras e em língua portuguesa em diversas formas de uso pelos indivíduos nos contextos de interação social. A língua não é apenas a expressão do pensamento ou um instrumento de comunicação. A língua é o instrumento social (PINTO, 2007) que o ser humano utiliza para expressar seus pensamentos e agir no mundo. A comunicação verbal é possível graças à existência de textos (LOUSADA, 2010) que funcionam como unidades comunicativas, que têm de características específicas a partir da situação de interação e que são frutos de condições construídas nas experiências sociais e históricas (BAKHTIN, 1997).

A Libras é, então, a língua natural dos indivíduos surdos brasileiros e a LP na modalidade escrita deve ser adquirida por eles como segunda língua (QUADROS, 2006). Assim, o objeto do ensino de LP escrita para surdos no material didático deve ser os usos da

língua que se dão através de textos. O professor, conseqüentemente, precisa propor um programa de ensino aprendizagem alicerçado nos eixos leitura, análise linguística e produção de textos escritos.

2. O MODELO EDUCACIONAL BILÍNGUE E O ENSINO DE LP PARA SURDOS

A modalidade Bilíngue é satisfatória para a comunidade surda, porque adota a língua de sinais como a língua natural dos surdos e a língua oficial do país de origem como segunda língua desses indivíduos. Para Ribeiro (2012),

É preciso esclarecer que, como se sabe, a Língua Brasileira de Sinais é considerada a primeira língua (L1) da população surda brasileira. Reserva-se, à língua portuguesa, um estatuto de língua estrangeira ou, mais especificamente, de segunda língua 2 (L2). (RIBEIRO, p.02 2012).

Ao longo do tempo, foram adotadas várias modalidades envolvendo estudos para pessoas surdas, uma vez que com o passar do tempo vieram surgindo esclarecimentos, estudos e pesquisas essenciais nas lutas e conquistas a essas pessoas, começando a mudar esse cenário, com a metodologia Oralista porém em passos lentos onde surgem essas modalidades: considerando os sinais usados pelos surdos, na concepção da visão clínica sobre a surdez e nutria a ideia de inclusão mediante a aprendizagem da fala oral.

Desenvolver a fala do surdo que vigora da oralidade técnica do Oralismo considerado método de ensino para surdos, com eficácia da língua oral ou falada, em que os surdos que foram educados no decorrer deste método de ensino são considerados surdos oralizados. Para Goldfeld (2002),

O Oralismo percebe a surdez como uma deficiência que deve ser minimizada pela estimulação auditiva. Essa estimulação possibilitaria a aprendizagem da língua portuguesa e levaria a criança surda a integrar-se na comunidade ouvinte e desenvolver uma personalidade como a de um ouvinte. Ou seja, o objetivo do Oralismo é fazer uma reabilitação da criança surda em direção à normalidade. (GOLDFELD, 2002, p. 34).

Diante dessa citação percebemos que a educação se ajusta ao modelo clínico, que era utilizado para a inclusão das pessoas surdas no contexto familiar, escolar e na comunidade ouvinte.

Em estudo se observou que o envolvimento com o meio em relações interpessoais e práticas sociais constitui o processo de aquisição de uma língua, ou seja, atividades socioculturais onde a maior parte são seres falantes. Segundo Brochado (2003),

Argumenta que a língua utilizada pelos sujeitos no período de aprendizagem da língua estrangeira (LE) costuma ser caracterizada por “marcas de instabilidade” que demonstram que uma língua não é aprendida mecanicamente, mas que o sujeito se mobiliza no uso de estratégias várias na construção de hipóteses sobre a língua-alvo. (BROCHADO, p.04 2003).

O povo surdo vive em torno da comunidade ouvinte, comunidade essa majoritária no mundo, mesmo assim, ao longo do tempo a comunidade surda vem demonstrando um grande desenvolvimento em participações na sociedade. Esses povos estão inseridos na comunidade através das famílias, da religiosidade, da língua, da política, da vida social e esportiva e também na literatura. Ao longo do tempo vem transformando sua identidade cultural, mesmo com uma sociedade que, ainda, demonstra pouco interesse em acreditar que essa comunidade é capaz de estar inserida no meio social. De acordo com Peixoto (2018),

A comunidade surda luta pela garantia de direitos e luta pelo seu reconhecimento nos espaços que devem ser iguais a todos. Os movimentos sociais são amostras do grito em defesa da igualdade social, da inclusão e da acessibilidade. Para que esta luta alcance vitórias, a identidade cultural do povo surdo precisa ser respeitada. (PEIXOTO, p.157 2018).

Em relação ao desenvolvimento na educação, é perceptível avanços conquistados por pessoas surdas, sendo representados pela diversidade cultural desse povo. A valorização da Língua de Sinais Brasileira mesmo com alguns entraves, vem demonstrando uma rica e valorosa demanda de livros específicos, trabalhos de cunho infantil, infanto-juvenil e clássicos, produzidos ou adaptados para o povo surdo, podendo assim tornar a identidade cada vez mais forte e resistente ao tempo. Conforme Peixoto (2018):

Com base em toda esta movimentação política, (...) a Lei 13.005/2014 e no seu artigo 4.7 e 4.13 que ressalta a oferta da educação bilíngue, em Libras, e tradutores e intérpretes de Libras e demais profissionais como acompanhantes dos surdos, para auxiliá-los nas aulas. (PEIXOTO, p. 159, 2018).

A Educação Bilíngue para indivíduos surdos é uma modalidade de educação voltada à comunicação dos Surdos, a qual prioriza a Libras como língua natural e a LP na modalidade escrita como segunda língua. Essa modalidade envolve melhorias na comunicação dos surdos,

objetivando o envolvimento desses indivíduos nas relações interpessoais e práticas sociais, construindo atividades socioculturais para um melhor processo de aquisição da linguagem.

A proposta bilíngue surgiu baseada nas reivindicações dos próprios surdos pelo direito à sua língua e pelas pesquisas linguísticas sobre a língua de sinais. Ela é considerada uma abordagem educacional que se propõe a tornar acessível à criança surda duas línguas no contexto escolar. De fato, estudos tem apontado que essa proposta é a mais adequada para o ensino de crianças surdas, tendo em vista que considera a língua de sinais como natural e se baseia no conhecimento dela para o ensino da língua majoritária, preferencialmente na modalidade escrita. (...) Na adoção do bilinguismo deve-se optar pela apresentação simultaneamente das duas línguas (língua de sinais e língua da comunidade majoritária). (GUARINELLO 2007, p. 45-46).

Guarinello (2007), chama a atenção para a comunidade surda, e esclarece que a metodologia do bilinguismo partiu do interesse e da busca dos direitos exigidos pelos próprios surdos, defendendo a importância da língua de sinais, onde na qual a língua portuguesa, possuindo, assim, a casualidade de integração com membros da população ouvintes, em que esses métodos são apresentados como propostas que respeitam a diferença linguística e cultural dos surdos, proporcionando-lhes um efetivo processo de escolarização durante o aprendizado.

O Bilinguismo se destaca por ser uma proposta de inclusão de pessoas Surdas, porém, o que vimos é uma explicação de que há necessidade de um mundo que dê oportunidades a todos de poderem ter a capacidade de se comunicar da forma que achar melhor, ou seja, a deficiência não está nas pessoas que tem um problema auditivo, ou auditivo/visual, mas sim, nas oportunidades de diversas formas de comunicação. Assim, a educação Bilíngue se destaca na forma de educação que se encaixa ao falante, seja ela na língua oral ou na língua de sinais.

A cultura surda compreende possibilidades e elementos próprios da vida dos indivíduos que se reconhecem como surdos mostrando um novo trajeto para essa educação, onde possa haver um conhecimento e aprendizado de forma necessária as suas particularidades, e também ao grupo social que constituem.

Para Machado (2008, p.78):

Visualizar uma escola plural, em que todos que a integram tenham a “possibilidade de libertação”, é pensar uma nova estrutura. Para tanto, é necessário um currículo que rompa com as barreiras sociais, políticas e econômicas e passe a tratar os sujeitos como cidadãos produtores e produtos de uma cultura [...]. Pouco adianta a presença de surdos se a escola ignora sua condição histórica, cultural e social. (MACHADO, 2008, p.78).

O conjunto de métodos verdadeiramente cobiçado pelo público surdo, em que seus desejos são de um trabalho voltado para sua verdadeira analogia e igualdade de sua cultura, é de grande relevância para que sejam criados conteúdos na escola que levem a contemplação

das necessidades e especificidades dos indivíduos, no que diz respeito à sua cultura e aos seus espaços.

Nessa perspectiva, a educação assume as funções social, cultural e política, garantindo dessa forma, além das necessidades básicas (afetivas, físicas e cognitivas) – essenciais para o processo de desenvolvimento e aprendizagem, a construção do conhecimento de forma significativa, por meio das interações que estabelece com o meio. Essa escola promove a oportunidade de convívio com a diversidade e singularidade, a participação de alunos e pais na comunidade de forma aberta, flexível e acolhedora.

3. FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA A ELABORAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO DE LP COMO L2 PARA SURDOS

O ensino de uma língua e especialmente a língua portuguesa, no contexto em que nos encontramos, está diretamente relacionado ao modo pelo qual concebemos a linguagem. Para que isso se efetive, a criança precisa construir e compreender as regularidades da língua, participando de momentos de interação com outras crianças mediados pelas ações do professor. Assim para esclarecer componentes curriculares métodos e teorias de ensino para o aluno surdo, faz-se necessário buscar informações nas teorias e procedimentos que possam ampliar as competências e habilidades apropriadas aos educandos surdos.

São muitas as contribuições para a formação de leitores, assim algumas teorias influenciaram na metodologia e nas habilidades exigida para essas competências. Na teoria sociointeracionista de Vygotsky, o sujeito nasce adentrado em um meio familiar e nele estabeleceu seus primeiros contatos com a linguagem a partir das interações com outros indivíduos. Assim ele, o homem, se produz na e pela linguagem onde essa relação se concilia por instrumento e signos. Para Vygotsky (1984),

As operações com signos resultam de um processo prolongado e complexo, e que está sujeito a todas as leis básicas da evolução psicológica. Cada transformação é condicionada pelo estágio anterior e cria as condições para o seguinte, estando, dessa forma, ligados num mesmo processo, podendo ser incluídas aqui as funções psicológicas superiores. (VYGOTSKY 1984, P,281).

O autor frisa que é desde a infância que o sujeito deve ter elo e interação atrelados de forma colaborativa sendo condutores para acontecer a aprendizagem. Uma vertente atualmente adotada para o ensino da língua, e que, portanto, deve orientar também a produção dos materiais

didáticos destinados a subsidiar os processos de aprendizagem, indica como principal objeto de ensino e aprendizagem da língua materna as práticas de leitura e escrita. Ou seja, o ensino da língua considerado não como fim, mas como uma condição para que o sujeito possa atuar de forma efetiva na sociedade em que vive. Pensar o ensino-aprendizagem da língua em contexto de letramento implica a adoção de uma concepção discursiva, dialógica de língua e linguagem.

A programação de leitura de um material didático deve ter como principal objetivo contribuir para a formação do leitor, o que implica não apenas o contato com textos, mas seu estudo sistemático, bem como das diferentes habilidades exigidas pelos diferentes tipos e gêneros discursivos. Para Bezerra (2002, p. 40) “aqueles que são rotinizados por grupos sociais influentes não chegam à população em geral, pois, subjacentes a estas práticas, há os mecanismos sociopolíticos e ideológicos de controle de recursos materiais e simbólicos”.

Um ponto essencial nesse quadro, é o de que, sendo a linguagem uma capacidade humana de simbolizar e de interagir e, por essa via, condição para que se construam as realidades, não se pode dizer que entre os signos que constituem os diferentes sistemas semióticos e o mundo haja de fato uma relação direta. Assume-se, portanto, o pressuposto de que as relações entre mundo e linguagem são convencionais, nascem das demandas das sociedades e de seus grupos sociais, e das transformações pelas quais passam em razão de novos usos, que emergem de novas demandas.

A partir da teoria sociointeracionista de Vygotsky, a escrita colabora com o desenvolvimento de modos mais abstratos de pensamento, de relacionamentos e de conhecimentos, pois “a escrita constitui um conjunto de símbolos de segunda ordem, os símbolos escritos funcionam como designações dos símbolos verbais” (BEZERRA, 2002, p. 38).

Nessa ótica, o trabalho com a leitura e a escrita no material didático de língua portuguesa como segunda língua para surdos tem o objetivo de dar a esses estudantes a oportunidade de estarem incluídos no mundo, de se relacionarem com grupos sociais que usam a leitura e a escrita como práticas sociais e de desenvolverem formas mais abstratas de pensamento.

Já nos estudos sobre o letramento, os quais pesquisam sobre as práticas sociais da escrita, os vários usos da escrita, as funções e efeitos dessa escrita nas pessoas e na sociedade de uma maneira geral, o material didático deve levar os estudantes a desenvolverem o letramento, ou seja, a utilizar a leitura e a escrita para interagir na sociedade. Para isso, o material didático voltado para o ensino de LP para surdos deve utilizar gêneros textuais (BOTELHO, 2005).

Assim, o material didático de LP para surdos deve ser elaborado de modo a não repetir práticas oralistas, que tomam como ponto de partida a oralidade, pois só reforçam o insucesso escolar dos alunos surdos, além de não contribuir para que esses possam utilizar a leitura e a escrita nas situações de interação social.

Ainda podemos citar os estudos do texto e do discurso que mostram propostas para sua definição e classificação. Essas pesquisas tomam como base critérios que permitem o agrupamento desses objetos de estudo em tipologias, as quais ajudam a caracterizar esses textos e discursos, teoricamente, o que é muito relevante em uma sociedade que utiliza os textos em uma diversidade crescente.

Independentemente da teoria adotada para o ensino de língua portuguesa para surdos, vemos que o texto deve ser o objeto de ensino, para que o aluno seja capaz de ler e escrever textos nas situações de interação. Assim, o material didático deve ser elaborado em torno do texto, com competências e habilidades que os alunos surdos precisam desenvolver. Isso vai ajudá-los a ultrapassar os limites de uma análise formal e estrutural apenas. Afinal, os textos são instrumentos para agir no mundo (MÁXIMO, 2020).

4. METODOLOGIA

Esta pesquisa se caracteriza como uma pesquisa teórica, pois está voltada a análise de teorias voltadas para a elaboração de material didático e seu papel no ensino de língua portuguesa como segunda língua para surdos.

A pesquisa também é exploratória e descritiva, pois visa “descrever as características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (KAUARK, 2010, p. 29).

Além disso, a pesquisa é bibliográfica, ao utilizamos teóricos alinhados com o tema. De acordo com Gil (apud KAUARK, 2010, p. 28) “Pesquisa Bibliográfica: quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e, atualmente, material disponibilizado na Internet”.

Após estudos envolvendo a temática abordada com diversos autores enfatizando a modalidade da língua escrita para surdos, tomou-se como base para análise o trabalho de Ribeiro (2012), o qual se destaca nos estudos voltados às pessoas surdas, bem como as lutas e avanços no processo de inclusão da comunidade surda na sociedade como um todo, através de uma comunicação gestual e escrita, sendo assim, conseguimos analisar diversos fatos ocorridos

diante de conhecimentos específicos envolvendo pessoas ouvintes e surdas com o intuito de garantir uma educação bilíngue.

5. ANÁLISE DE DADOS

A língua portuguesa considerada a primeira língua para os sujeitos surdos é a língua natural devido aos mesmos viverem em contato com outros surdos. Assim, os estudantes surdos devem estudar a língua portuguesa como segunda língua em momentos separados dos alunos ouvintes, visto que esta língua ocupa lugares diferentes na vida das pessoas.

No trabalho de Ribeiro (2002), vemos que o objetivo da autora é discutir as possibilidades de aplicação das tecnologias da informação no ensino de LP para surdos na proposição de atividades, o que pode ser utilizado para uma possível proposta didática, ou de material didático.

Primeiro, a autora traz discussões sobre a vida dos indivíduos e o lugar da LP na modalidade escrita na vida desses indivíduos, de forma que ela concorda com Brochado (2006) que as atividades voltadas para os alunos devem abordar apenas as habilidades de leitura e de escrita.

Em seguida, a autora fala sobre a tecnologia e seus usos no ensino de LP para surdos, entendendo os recursos tecnológicos como instrumentos para aproximar os alunos surdos da sociedade letrada, ao invés de viverem marginalizados como viveram por tantos anos no passado.

Depois, a autora mostra a relação entre as tecnologias e as estratégias de ensino de LP para surdos, de forma que ela cita a possibilidades de atividades sobre *blog*, *fórum*, *wiki*. Entendemos que as sugestões apresentadas pela autora podem ser relevantes na elaboração do material didático de LP para surdos, na perspectiva tanto dos estudos do letramento quanto na perspectiva sócio interacionista de Vygotsky.

O trabalho com a LP no material didático pode ser elaborado visando a aquisição da LP pelos alunos surdos ao trazer tanto os gêneros textuais utilizados em situações reais quanto os dados empíricos dos usos efetivos da linguagem nessas situações. Cabe à escola junto com os professores precisar os conteúdos a serem transformados em objetos de ensino e de aprendizagem, bem como os procedimentos por meio dos quais se efetivará sua operacionalização.

A assunção desse expediente pela escola é algo de fundamental importância na organização de seu projeto pedagógico, uma vez que, a proporção de conteúdos a serem ensinados em qualquer modalidade de ensino, assim como a abordagem metodológica que lhes deve ser conferida são uma ação que traz à cena, de uma maneira ou de outra, a concepção que a escola possui dos papéis de aluno, de professor e do que vem a ser ensinar e aprender, o conteúdo ou o objetivo de conhecimento, a produção e socialização de conhecimentos, os eventos/práticas de nossa sociedade em relação a uma compreensão pelo aluno acerca do mundo, sintonizada ou não com o tempo.

Para Krashen (1995), a educação para os surdos está sendo bastante favorável, devido a preparação dos educadores ao receber esses alunos, uma vez que as metodologias vêm mostrando grande avanço através de observação e estudo, apresentando a melhor maneira para alfabetizar o aluno com surdez, pois vivemos em uma sociedade letrada.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O referido trabalho mostrou uma garantia de crescimento intelectual e social das pessoas surdas envolvendo as línguas de sinais, através de estudos voltados à especificidade da escrita, em que a criança obtém conhecimentos prévios através de sua língua materna e adquire conhecimento da escrita, quando a mesma é inserida no ambiente educacional.

As atividades e estudos realizados neste desenvolvimento serviram para beneficiar aos alunos surdos, bem como aos futuros professores que auxiliam e repassam os conteúdos do currículo para um conhecimento mais amplo no tocante da temática.

Por fim, vimos que as teorias de aquisição de segunda língua mostram como se dá o processo de aquisição da LP, em que a interlíngua aparece como um fenômeno, que revela como as marcas da Libras podem estar presentes nos textos desses alunos durante o processo de aquisição.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **A norma oculta - língua & poder na sociedade brasileira**. 2ª. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 2.ed. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1953/1997.

BEZERRA, M. A. **Ensino de língua portuguesa e contextos teórico-metodológicos**. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

BROCHADO, S. M. D. **A apropriação da escrita por crianças surdas usuárias da língua de sinais brasileira**. Tese de Doutorado (Letras). UNESP. São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/102476>>. Acesso em 28 de ago. 2020.

GOLDFELD, Márcia. A criança surda: **Linguagem e cognição numa perspectivasociointeracionista**. 3ª edição. Editora Plexus, 2002.

GUARINELLO, Ana Cristina. **O papel do outro na escrita de sujeitos surdos**. São Paulo: Plexus, 2007.

KAUARK, Fabiana; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia de pesquisa: um guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

KRASHEN, Stephen D. **Principles and practice in second language acquisition**. Language Teaching Methodology Series. University of Southern California, Phoenix ELT, 1995.

LOUSADA, Eliane. **A abordagem do interacionismo sociodiscursivo para a análise de textos**. In: II EPED, 2010, São Paulo. Abordagens metodológicas em estudos discursivos. São Paulo: Editora Paulistana, 2010.

MACHADO, Paulo César. **A política Educacional de Integração/Inclusão – Um Olhar do Egresso Surdo**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008.

MÁXIMO, Nídia Nunes. **Elaboração de material didático de língua portuguesa como segunda língua para surdos**. João Pessoa: IFPB, 2020.

PEIXOTO, J. A. & VIEIRA, M. R. (Organizadoras). **Artefatos culturais do povo surdo: discussões e reflexões**. João Pessoa: Sal da Terra, 2018. Disponível em: <https://ava.ead.ifpb.edu.br/pluginfile.php/44073/mod_resource/content/1/e-book%20artefatos%20culturais%20do%20povo%20surdo>. Acesso em 25 de out de 2019.

PINTO, Abundia Padilha. **Gêneros discursivos e ensino de língua inglesa**. In: Gêneros textuais e ensino. DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

QUADROS, Ronice M. de; SCHMIEDT, Magali L. P. **Idéias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília : MEC, SEESP, 2006.

RIBEIRO, Maria Clara M. A. **Língua portuguesa como segunda língua para alunos surdos: propostas de atividades a partir de interfaces tecnológicas**. Caderno Seminal Digital Ano 18, no 18, V. 18 (Jul-Dez/2012) – ISSN 1806-9142.

RIBEIRO, M. C. M. de A. **A Língua Portuguesa produzida por surdos: indícios de variação**. Anais do SIELP. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/07/volume_2_artigo_210.pdf>. Acesso em: 22 de nov de 2019.

VYGOTSKY, L. S. **Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.